

## CINECLUBE: UMA ABORDAGEM DE PESQUISA IDENTITÁRIA ATRAVÉS DA CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA

RICARDO TRAMPUSCKI CRUZ<sup>1</sup>; RAFAELA ANACKER HERMES<sup>2</sup>; SAMIRA NOGUEIRA BRAYER<sup>3</sup>; GABRIELA BOHLMANN DUARTE<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – ricardotrampusckicruz@gmail.com<sup>1</sup>

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – anackerrafaela@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – samirabrayer42@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – gabrielabduarte@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O aprendizado de uma língua estrangeira deve ir além da prática de estruturas linguísticas. A construção de identidades e a inserção em comunidades de prática são, também, de grande importância no modo como o aprendiz se apropria do conhecimento. Uma comunidade de prática pode ser definida como um grupo de pessoas que compartilham um interesse, uma preocupação ou uma paixão por algo que fazem e aprendem a fazê-lo melhor por meio da interação continuada (WENGER, 1998). Para a linguista Bonny Norton (2019), o conceito de identidade é visto como “a forma que uma pessoa entende a sua relação com o mundo, como essa relação se estrutura através do espaço e do tempo e como essa pessoa entende suas possibilidades para o futuro”.

Nesse sentido, esta pesquisa se propõe a investigar a identidade do aprendiz de língua inglesa e os espaços de uso da língua, compreendendo como esses fatores se articulam na formação de sujeitos que buscam ampliar suas práticas discursivas. A justificativa para o estudo reside na necessidade de criar e fortalecer ambientes de interação autêntica em inglês, para proporcionar um grupo de conversação para alunos de nível pré-intermediário/intermediário (A2-B1) e entender como a identidade do aprendiz de língua inglesa é percebida pelo próprio estudante.

Com esse propósito, foi criado um grupo de Conversação em Língua Inglesa denominado Cineclube, que se configurou como espaço de encontro, reflexão e prática oral, tendo como temática central a discussão de filmes. Os encontros se deram de forma presencial ao todo de 5 semanas. Foram elaboradas discussões guiadas sobre as obras cinematográficas: Moonlight (2016), Past Lives (2023), Ghost In The Shell (1995), Dallas Buyers Club (2013) e Detachment (2011). Durante as aulas, os pesquisadores também exibiram cenas importantes para a construção identitária dos personagens das longas metragens, objetivando fomentar o pensamento crítico dos alunos.

A temática de discussão girou em torno do tema “identidade”, buscando diversos filmes que pudessem falar de diferentes aspectos que formam a identidade de alguém. Os participantes do grupo foram também os sujeitos da pesquisa, o que possibilitou a análise de como esses espaços contribuem para o desenvolvimento da identidade linguística e para a construção de pertencimento a uma comunidade de aprendizagem. O objetivo principal do estudo é compreender de que maneira os participantes do Cineclube percebem suas identidades como aprendizes e como se apropriam dos espaços para exercerem a prática da oralidade na língua inglesa, especialmente no meio digital.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, com apoio de procedimentos quantitativos, de modo a compreender as percepções e experiências dos aprendizes em relação ao uso da língua inglesa e à constituição de sua identidade linguística. Para tanto, adotou-se o método survey (CRESWELL, 2010), aplicado por meio de um levantamento de opinião (PAIVA, 2019), que possibilitou coletar dados sobre os sujeitos envolvidos no estudo.

O primeiro passo da pesquisa consistiu na divulgação do projeto Cineclube de Conversação em Língua Inglesa na rede social *Instagram*, buscando atrair estudantes interessados em participar das sessões de discussão de filmes em inglês. Em seguida, os interessados realizaram a inscrição por meio do preenchimento de um formulário online, no qual foram coletadas informações básicas e questões norteadoras. Eles também assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, permitindo que as aulas fossem gravadas, e que os dados coletados fossem utilizados na pesquisa.

O formulário continha os seguintes campos: nome, idade, curso de graduação na UFPel, e-mail e telefone para contato. Além disso, foram solicitadas informações sobre o nível de proficiência em língua inglesa, a partir do Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (QECR), com as opções: Básico (A1-A2), Intermediário (B1-B2) e Avançado (C1-C2). Também foram incluídas questões abertas que permitiram explorar a autoimagem e as percepções dos participantes sobre o uso do inglês, tais como: *Como você se apresentaria para uma pessoa desconhecida? (Fale um pouco sobre você); Como você se descreveria como falante de inglês?; Por que você se interessa pelo inglês?; Você se sente à vontade ao usar o inglês? Por quê?; Em quais contextos você se sente mais confortável ao usar o inglês? (opções: meio digital ou pessoalmente); e Você acredita que estar presente em algum ambiente digital te auxilia na sua aprendizagem do inglês? Por quê?*

Além disso, também foi aplicado um formulário após o término do projeto, enviado para os participantes mais presentes ao longo dos encontros, que constava, além das mesmas perguntas do questionário inicial, outras em que os estudantes poderiam expressar suas opiniões sobre o curso, sendo elas: *Recomendaria o Cineclube para outras pessoas?; O que você achou do Cineclube?; Você tem alguma sugestão ou feedback para nós?*. Através das respostas os pesquisadores puderam comparar como os alunos se sentiam em relação a sua identidade ao iniciar o curso, e se algo mudou depois de sua finalização, bem como também serviu como sugestões de melhorias ou incentivos para que projetos como este continuem acontecendo.

Na seção abaixo, apresentamos a análise e a discussão dos dados referentes às respostas de 5 alunos em ambos formulários.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O momento atual da pesquisa se dá através da análise e comparação dos questionários inicial e final, estabelecendo conexões entre suas respostas e estudos da Linguística Aplicada relacionados à identidade. Inicialmente, algo a se destacar é que os alunos 1 e 2 responderam os questionários em Português.

Contudo no questionário final, as respostas foram em Inglês. É possível perceber que, como o curso encoraja os alunos a serem falantes dessa língua estrangeira, eles sentiram-se à vontade para escrever ou falar nela, não utilizando o Português. Como afirma Norton (2016), a possibilidade de exercer a agência linguística está diretamente relacionada às oportunidades de uso da língua. Nesse sentido, ao optarem por responder em inglês e ao relatarem aumento de confiança, os participantes demonstraram apropriação dos espaços do Cineclube como comunidade de prática legítima.

Ademais, a respeito da forma como os estudantes se apresentaram, na pergunta “Como você se apresentaria para uma pessoa desconhecida? (Fale um pouco sobre você)”, podemos destacar a resposta do Aluno 2. No caso dele, sua réplica no primeiro questionário foi: *“sou programador, sou formado em filosofia pela ufrgs, me dedico bastante ao budismo tibetano”*. Enquanto no segundo foi: *“I’m a Tibetan Buddhism enthusiast, who enjoys culture in general”* (Eu sou um Budista Tibetano entusiasta, que gosta de cultura em geral). É possível visualizar que sua identidade apareceu associada a elementos de formação acadêmica e prática religiosa. No questionário inicial, ele destacou múltiplas formações e sua ligação com o budismo, mas, ao final do Cineclube, reduziu sua autoapresentação apenas à dimensão religiosa. Essa mudança pode indicar um processo de reafirmação de um aspecto central de pertencimento, que se sobrepôs aos demais.

A participante número 3, por sua vez, abordou em seu questionário inicial a questão da nacionalidade, elemento que também foi ressaltado pela participante 1. Enquanto a participante número 1 manteve a referência nacional em ambos formulários, a 3 ressaltou no questionário inicial sentir-se *“quase pelotense”*, e, no questionário final, não fez nenhuma referência à nacionalidade. Isso revela um processo de mudança identitária que une a origem e o pertencimento ao espaço local. Tais construções demonstram como a identidade é relacional e se molda tanto a partir da percepção própria quanto da forma como o grupo a reconhece.

Segundo Norton (2000), a identidade do aprendiz de línguas é múltipla, dinâmica e moldada pelas relações de poder nos diferentes contextos de uso da língua. Nesse sentido, os relatos dos participantes mostram como a nacionalidade, a religião e o pertencimento local se tornaram elementos mobilizados para se apresentarem dentro da comunidade do Cineclube.

Além disso, destaca-se também a experiência do Aluno 4, que se declarou mais confortável em ambientes digitais mesmo após os encontros presenciais, o que evidencia o conceito de *digital wilds*, elaborado por Sauro e Zourou (2019), que se refere a espaços digitais não instrucionais nos quais aprendizes se engajam de forma espontânea e significativa. No questionário final, ao responder se ele se sente confortável ao usar o Inglês, o aluno afirma: *“Sim, principalmente no meio digital onde não tem “pressão” para desenvolver a frase. Porque acredito ter um conhecimento mínimo necessário para usar o inglês”*. Esses contextos podem não só ampliar o contato com o inglês, mas também oferecer maior segurança para a expressão identitária de alguns estudantes. Pesquisas mais recentes (Han & Reinhardt, 2022) confirmam que esses espaços permitem que aprendizes ampliem seus repertórios identitários, desenvolvam proficiência e conquistem maior confiança linguística.

#### 4. CONCLUSÕES

Em conclusão, o Cineclube serviu como um espaço de prática docente e de pesquisa sobre identidades, pois possibilitou observar, na prática, como os participantes constroem e negociam suas identidades no processo de aprendizagem de línguas. O estudo trouxe como diferencial a articulação entre um espaço pedagógico e os chamados *digital wilds*, que ampliaram as oportunidades de engajamento e exposição dos aprendizes para além da sala de aula tradicional, permitindo novas formas de pertencimento e participação a partir do uso de plataformas na Internet. Como professores e pesquisadores em formação, percebemos que a aprendizagem vai além do domínio linguístico, envolvendo diretamente sentimentos de reconhecimento e legitimação enquanto falantes, em consonância com o que defende Norton (2000) ao tratar da identidade como múltipla, mutável e situada. Futuramente, a pesquisa se aprofundará com a análise de áudios gravados e produções escritas realizadas ao longo do curso, o que permitirá compreender ainda mais as formas de expressão e construção identitária em contextos digitais e presenciais.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WENGER, Etienne. Communities of practice: learning, meaning, and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. (Learning in Doing: Social, Cognitive and Computational Perspectives).

NORTON, Bonny. Identity and language learning: a 2019 retrospective account. *The Canadian Modern Language Review*, Toronto, v. 75, n. 4, p. 365–368, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3138/cmlr.2019-0287>. Acesso em: 21 ago. 2025.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010

PAIVA, V.L.M.O. Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2019.

NORTON, Bonny. Identity and Language Learning: Back to the Future. *TESOL Quarterly*, v. 50, n. 2, p. 475–479, 2016. Disponível em: <https://faculty.educ.ubc.ca/norton/Norton%20TQ%202016.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2025.

NORTON, Bonny. Identity and Language Learning: Gender, Ethnicity and Educational Change. Harlow: Pearson Education, 2000.

SAURO, Shannon; ZOUROU, Katerina. What are the digital wilds? *Language Learning & Technology*, v. 23, n. 1, p. 1–7, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.64152/10125/44666>. Acesso em: 27 ago. 2025.

HAN, Yiting; REINHARDT, Jonathon. Autonomy in the Digital Wilds: Agency, Competence, and Self-efficacy in the Development of L2 Digital Identities. *TESOL Quarterly*, v. 56, n. 3, p. 985–1015, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/tesq.3142>. Acesso em: 27 ago. 2025.